



O PASSEIO DE BARCO (Quadro de P. Tarrant).

N.º 206 Lisboa, 31 de Janeiro de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$800 réis — Semestre, 2\$400 réis
Trimestre, 1\$200 réis

Illystração
PORTUGUEZA

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão **R. Formosa, 43**

SOCIEDADE FABRICANTE

DE

Discos



ACABA de ser posto à venda o esplendido repertório dos melhores discos que se encontram no mercado com as ultimas novidades, taes como: ALMA DE DIOS, SONHO DE VALSA e outros de double face ao preço de 10000 réis cada disco grande. Discos de outras marcas, muito bons de double face, grandes, a 750 réis. Ninguém os tem mais bem impressos, nem mais baratos. Pedidos à GASA SIMPLEX, BICYCLETES, DISCOS E MACHINAS FALLANTES, de J. Castello Branco, Rua do Socorro, 23-B e Rua de Santo António, 32 e 34, quer para venda avulso como para revender.



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente GASTRALGIAS, DYSPESIAS.

A'oenda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brasil Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

PARA ENCADERNAR A

Illustração Portuguesa

Já estão à venda bonitas capas em percaline de phantasias para encadernar o segundo semestre de 1907 da Illustração Portuguesa. Preço 360 réis. Também ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A Importação pode ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vaé acompanhada do indice e frontespicios respectivos. ADMINISTRACAO DO «SEculo»

Still-Flore

Perfume d'uma concentração até hoje desconhecida.

Basta uma gotta para se perfumar.

MODO D'EMPREGO:
Desaparafusar a tampa e exercer uma ligeira pressão na extremidade do Still-Flore.

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND
11, Place de la Madeleine
PARIS
14-15, Conduit Street, LONDON

NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, Bd des Italiens, PARIS

PRINCEIA

A SEDA SUISSA

É A MELHOR!

Pagam as amostras das nossas novidades em preto, branco ou de: Eolienne, Cachemire, Shantung, Duchesse, Grège de Chine, Océide, Messaline, Mossoline, largura 120 cm. a partir de fr. 1,25 o metro, para vestidos, bluses, etc., assim como as bluses e vestidos bordados em baptiste, toile e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas directamente aos consumidores e francas de porte a domicilio.

Schweizer & C.
Lucerne E. 12. (Suisse)

Exportação de Sedas Fornecedor da Corte Real

EM 20 DIAS CURA RADICAL E INFALLIVEL

ANEMIA

CÓRES PALLIDAS
CHLOROSE, CONVALESCENÇA

Elixir de S. Vicente de Paulo

Em todas as Pharmacias ou no Deposito Central CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1.ª LINHA 1300 reis o frasco franco porte em todo Portugal PFLÖLLE, Nure, 2, Faub. S-Denis, PARIS

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Thomer), Penedo e Casal d'Hermio (Loud), Valle-Maior (Albergaria e Vacha). Instaladas para uma producao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma a execucao promptamente encomendas para fabrica-

	CAPITAL
Ações.....	300.000.000
Obrigações.....	323.940.000
Fundos de reserva e de amortisação.....	267.400.000
Réis.....	930.340.000

ções especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do pais e a fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Escripatorios e depositos: 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANUEL, 31, PORTO.—End. telegr. em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telephonico: LISBOA, 605 — PORTO, 417.

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, rue Vignon

XAROPE FAMEL

CURA INFALLIVELMENTE
BRONCHITES
MEMO CHRONICAS

TOSSES

ASTHMA

PRECO 800 REIS

EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO CENTRAL 45, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA — FRANCO DE PORTE COMPRANDO DOIS FRASCOS.

OS NOSSOS INQUERITOS

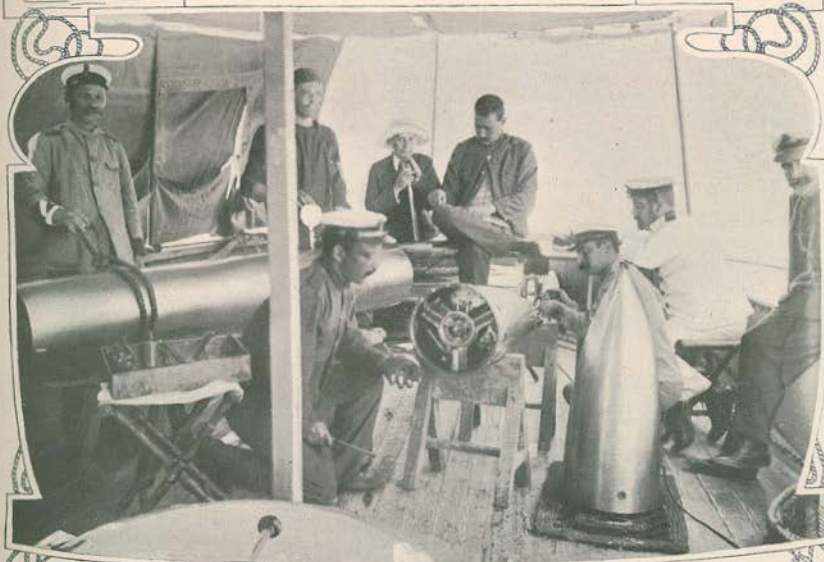
A ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
ENTREVISTA TRÊS ILUSTRES
OFFICIAES DE MARINHA SOBRE
O ESTADO ACTUAL DA ARMADA
PORTUGUEZA.

II

Foi o nosso terceiro entrevistado um representante das ultimas gerações da officialidade de marinha, pertencente á pleiade de moços officiaes que com fervoroso patriotismo se vem dedicando a pregar, n'esta barbarie da apathia nacional, a cruzada santa da restauração da marinha de guerra. Com prazer confessamos que nos julgámos felizes da escolha do seu nome entre os de tantos illustres officiaes, por termos occasião de transmittir aos leitores da *Ilustração Portuguesa* um reflexo do ardente entusiasmo das suas palavras, entusiasmo que apenas lamentamos não poder communicar com todo o fogo da sua primitiva paixão.

—Para evitar o perigo que permanentemente paira sobre os fracos, Portugal,—diz-nos o nosso entrevistado—tem um recurso apenas: elevar o

seu poder militar terrestre e marítimo ao limite necessario para, pelo menos, ter garantida a sua independencia. Quanto não seja isso, alianças, cordealidade de relações, habilidades de diplomacia, direitos historicos, o côro unisono de um povo irado mas impotente, tudo isso chegará uma occasião em que se reconheça ephemero ou inutil. As nacionalidades luctam pela vida tal qual como os individuos; o choque dos interesses cria entre as nacionalidades rivalidades e conflictos que por mais que a humanidade progri-



1—O lançamento de um torpedo 2—Preparação de um torpedo para lançamento.

da, por mais que os philosophos e os sonhadores se esforcem por pregar a imperturbabilidade da harmonia da vida hão-de fazer com que a guerra seja á face da terra uma realidade eterna! Põem esses utopistas exigir dos governos o desarmamento das nações; se as razões financeiras o não conseguirem, não serão os seus votos que poderão cousa alguma; e se umas ou outros um dia vierem a cantar victoria, não será mais do que uma victoria relativa... Pelo seculo

que vae correndo o que nós vemos é que a paz é imposta pela propria força das armas, e que o paiz que de-seja viver tranquillo, expandir pelo mundo o seu commercio, vêr crescer a riqueza das suas cidades, ter a dentro das fronteiras a paz de que precisa para a laboração das industrias, para a elevação intellectual do povo, esse paiz eriga-se de fortalezas que o vigiem, enche as planicies de soldados que se exercitem e espalha pelo mundo os canhões dos seus navios. E' a lição edificante que mais do que todas nos dá essa nação brilhantissima que é a Allemanha, que se ergueu em meio seculo ao logar primacial das potencias do mundo!

Não sei se o povo portuguez vê nos esforços da corporação da Armada por levantar-lhe o nivel, o facto interesseiro de zelar os interesses pessoas d'essa corporação. Se o julga vêr, o povo portuguez commette a mais profunda das injustiças. O que julgam n'esse caso? Que nós, officiaes de marinha, receamos que com o cair dos navios, que aos pedaços se vão desfazendo, chegue um dia em que acabe tambem para nós o ganha-pão que temos? Se assim pen-



45 Kilos

385 Kilos

Para transportar
das projectos de 15 e de
30 cm.
Projectil de 19 cm.
Machete calibre de armaria
de Campo. Estabelecimento
dos engenheiros D. Carlos de
Castro, S. Rafael e D.
Amélia

Projectil de 30 cm.
Armaria de gran calibre
de todos os servios de combate

que a guarnecem um bocado menos de trabalho e de esforço de intelligencia do que aquella que a corporação da Armada pede. Os officiaes não pedem mais do que trabalho e objecto para o seu estudo, e se são elles só que n'este paiz clamam d'esse modo é porque elles é que vivem na constante comparação que nos vexa entre o que nós temos e o que teem as outras nações, e, principalmente, porque n'este paiz, ninguém, além d'elles, avalia em toda a grandeza o risco que corre a nação, desarmada como está.

—Mas v. ex.^a engana-se. Ninguém faz á corporação da Armada a injustiça que receia; o paiz inteiro está convencido do patriotismo das suas intenções...

—Oxalá assim seja, mas nenhum de nós o pôde saber ao certo. Como, porém, se faculta occasião, não faz mal que um official de marinha o



Um torpedeiro fundado no Areinho, no rio Douro, posição indicada para estabelecimento de uma estação de defeza movel no Norte do paiz.



diga bem alto a todos.
 — Pensa, pois, v. ex.ª, como alguns dos seus camaradas que já tenho ouvido, que a nossa patria

precisa de organizar quanto antes uma marinha que a defenda?

— Sem duvida alguma. Os illustrados officiaes do exercito, cujas opinioes a esse respeito se tem tornado conhecidas ou em livros ou em conferencias, de todo confirmam o que os meus camaradas dizem. Portugal precisa armarse tanto em terra como no mar. Assim como um exercito só de cavallaria ou um outro só de artilharia são insufficientes para a realisacão do objectivo completo de uma guerra, o paiz que não contar com a outra arma que é a marinha não será vencido apenas pelas esquadras estrangeiras, será vencido tambem pelos exercitos que o



Ataque
18,504 kilo-
grammas
d'aço.



Defeza
5,442 kilo-
grammas
d'aço

possuir uma marinha, que façam a conta ao que representa alguns dias, algumas semanas ou alguns mezes os portos de Portugal fechados ao commercio. Mas como somos o incorrigivel paiz da despreoccupação, é melhor não pensar n'esse risco que pode ser que só venha quando sejam outros a soffrel-o, do que estar a geração presente a pagar mais um pataco de imposto!

— Pensa então v. ex.ª que seja absolutamente necessario tributar mais o paiz?

— Eu não penso isso nem deixo de o pensar. Para transformar a marinha em alguma cousa de util, attendendo por exemplo á defeza movel da costa de Portugal, o que actualmente se dispende ou se diz dispender com ella deve com certeza ser sufficiente. E' questão de a remodelar, de metter corajosamente homens a



Estado actual da nossa defeza: 1—10,500 metros: alcance para ataque das peças de 30,cm 5 de qualquer couraçado de esquadra 2—7000 metros: alcance eficaz das peças de 15,cm tiro rapido. 3—Distancia a que precisa approximar-se um couraçado para a couraçado poder ser fuada pelas peças de 15,cm

ataquem. Ninguem tenha illusões: Portugal sem marinha que possa levantar das suas costas o circulo de ferro de um bloqueio, não só terá as costas expostas ao primeiro exercito que tente n'ellas desembarcar, como terá

essa empreza, e para isso é preciso uma grande vontade, um plano concebido que se siga á risca sem contemporisações, e tempo, estabilidade no poder para o realizar, a não ser que se desse o milagre de os ministros



A columna dos nossos torpedeiros actuaes

em muito pouco tempo a fome e a miseria no paiz. Aquelles que acharem caro o luxo de

portuguezes deixarem de ser os desfazedores para serem os continuadores das obras d'aquel-



Um torpedeiro entrando para o plano,
no Valle de Zebro

les a quem succedem. A marinha em Portugal deve, porém, ser mais alguma cousa do que a defeza movel, e se os 3:700 contos do orçamento dão para manter uns cruzadores que visitem as colonias e construir e manter uns torpedeiros e submarinos para a costa de Portugal, não dão evidentemente para a esquadra de mar que a *politica*, não a do Terreiro do Paço, mas a da Europa, exige que possua o paiz que tem o Tejo, os Açores, Cabo Verde, Lourenço Marques, Mormugão, e que precisa de se valorisar militarmente para se tornar necessario e não supportado n'uma alliança da qual precisa tambem imprescindivelmente. A approximação da Inglaterra e da Hespanha ameaça-nos não pelo facto, pouco provavel, de sermos por ellas atacados, porque uma só, nas nossas actuaes condições, bastava para nos esmagar, mas porque é uma fortissima razão para a Inglaterra prescindir de alguns serviços que nós podiamos prestar-lhe. A culpa é nossa e inteiramente nossa. Nós consumimos uma duzia de annos a construir um pequeno caes de desembarque em Lagos para atacarem os escaleres inglezes, e com isso julgámos dar toda a nossa contribuição para as forças da alliança! A Hespanha respondeu á amizade ingleza remodelando os arsenaes e construindo uma esquadra!

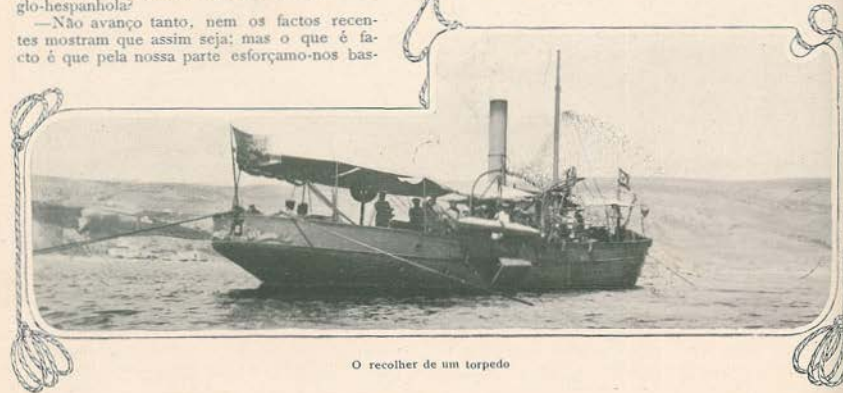
—Na opinião de v. ex.^a a alliança acha-se pois realmente desfeita pela approximação anglo-hespanhola?

—Não avanço tanto, nem os factos recentes mostram que assim seja; mas o que é facto é que pela nossa parte esforçamo-nos bas-

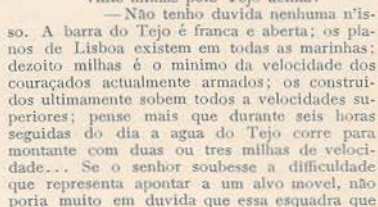
tante porque isso seja verdade. Portugal não é ainda uma noiva que se rejeite; restam-nos as famosas posições do meio do Atlantico, e essas é que Cadiz e o Ferrol não substituem ao passo que outras potencias as cobijam; e a península inteira é ainda um amigo melhor do que parte da península. Mas armemo-nos, defendamo-nos, juntemos ás forças do nosso alliado alguma força nossa e transformemos os nossos portos de maneira, que lhe possam ser uteis.

—Para exercer o devido papel na alliança tem pois Portugal de se empenhar em novos sacrificios financeiros?

—Indiscutivelmente tem de gastar muito dinheiro. Mas diga-me uma coisa: porque é que Portugal pôde gastar dinheiro em tudo, menos em armar uma marinha? A respeito da construção de um lyceu vinha ha pouco n'um jornal que se gastam annualmente em edificios publicos no districto de Lisboa mil e quinhentos contos de réis! Que paiz é este que pôde gastar n'um dos 17 districtos do continente mil e quinhentos contos, todos os annos, em edificios publicos—que são os que nós vemos—e não pode fazer um sacrificio igual ou mais pequeno para possuir uma marinha que lhe garanta a sua vida, não pela sua força unica, mas pelo accrescimo de força que



O recolher de um torpedo



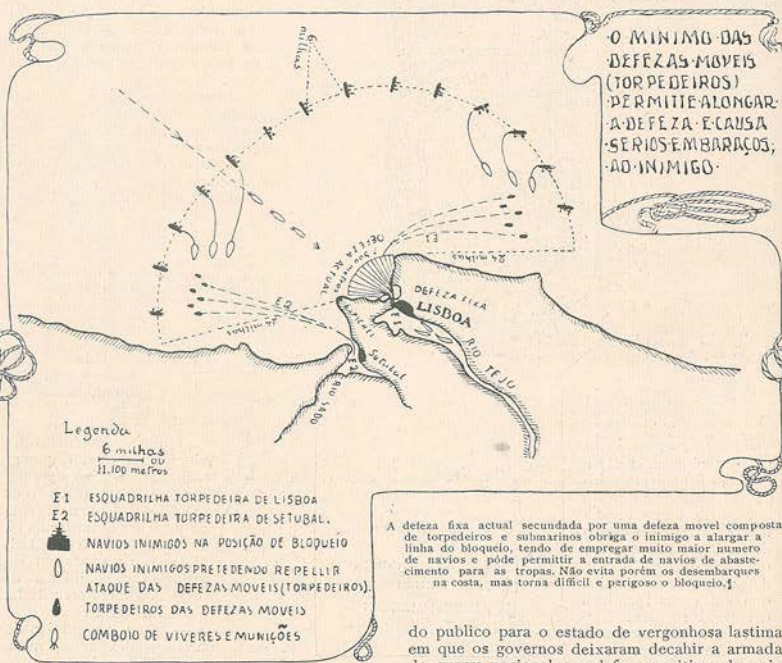


avancasse a vinte milhas viesse ao fundo do Terreiro do Paço com bem poucas arranhaduras que os modestos projecteis de 15 centímetros tivessem feito nas couraças de nove pollegadas. Sabe o que Farragut dizia ao seu governo depois de ter passado em Vicksburgo pelas baterias dos confederados? «Podem forçar-se passagens defendidas por fortes, acabámos de o fazer e falámos quantas vezes quizermos.» Sómente o que não havia no tempo de Farragut era essa arma poderosa que se chama o submarino, que veio revolucionar o destino das marinhas e ante a existencia da qual não mais haverá descanço para uma esquadra nas aguas de um paiz inimigo.

quem devemos as informações que acima ficam, é n'um grito de alma que bradamos ao povo portuguez que *queira*, como sabem querer os povos dignos de continuar a sua existencia historica, que *queira* o resurgimento d'essa armada gloriosa á qual o nosso paiz deveu o immenso e rutilante esplendor do seu passado e que, na miseravel agonia em que se arrasta, é, pela sua falta, uma ameaça constante e inilludível sobre a paz e a independencia de Portugal!

Nota da redacção

Entendeu a *Illustração Portuguesa* que o momento de mais uma vez chamar as attentões



E o nosso entevistado findou a interessante narrativa que nos fez com um apello á imprensa para que diga ao povo portuguez que *queira* ter marinha, porque a corporação da armada nada mais deseja do que poder servir o seu paiz.

Ouvidas as palavras que acima ficam escriptas e transmitidas pela *Illustração Portuguesa* aos milhares de leitores que as hão de conhecer, falta-nos o cumprimento de um ultimo dever que é de as acompanhar com o sincero entusiasmo com que o nosso jornal pugna pela restauração da defeza militar de Portugal. Aceedendo ao apello dos tres distinctos officiaes a

do publico para o estado de vergonhosa lastima em que os governos deixaram decahir a armada de guerra nacional e a defeza maritima do paiz era singularmente opportuno pelo annuncio da reforma naval e da acquisição de novos barcos, attribuidas ao actual ministro, que é justamente considerado um dos mais illustres officiaes da marinha portugueza.

Não intentou esta revista, com o presente inquerito a que procedeu na continuidade d'um plano jornalístico que vem de longe, desde os debatidos artigos de ha quatro annos sobre a defeza terrestre do paiz, mais do que concorrer para crear as correntes de opinião favoraveis a uma obra fecunda de resurgimento militar, da iniciativa do Estado.

LÁ POR FÓRA



O cometa que tanta sensação está causando é o famoso Halley, que Kepler observára em 1607, e de que o astrónomo inglês, que lhe deu o nome, devia anunciar a reaparição. Em volta da aparição do cometa bordam-se conjecturas terríveis, como a do fim do mundo, seguindo-se os velhos preceitos terroristas d'outras eras. Alguns astrónomos consultados declaram que a terra poderá ser envolvida pela cauda do cometa, todavia a distancia de não causar prejuizos; outros dizem que a sua passagem póde produzir sensíveis alterações no globo.

A carreira ascendente do cometa verificou-se em varios observatorios a 17 de janeiro ás nove horas da noite. Em 20 de maio estará o cometa de Halley, que caminha com a velocidade de 150:000 kilometros á hora, á distancia minima da terra, isto é a vinte e tres milhões de kilometros. A ultima passagem do celebre cometa foi em 1836, havendo noticias d'outras das suas aparições que coincidem quasi sempre com factos extraordinarios como foram a derrota de Attila em 451 nos campos Cataulanicos e a conquista da Inglaterra pelos normandos de Guillaume o Bastardo, em 1066.

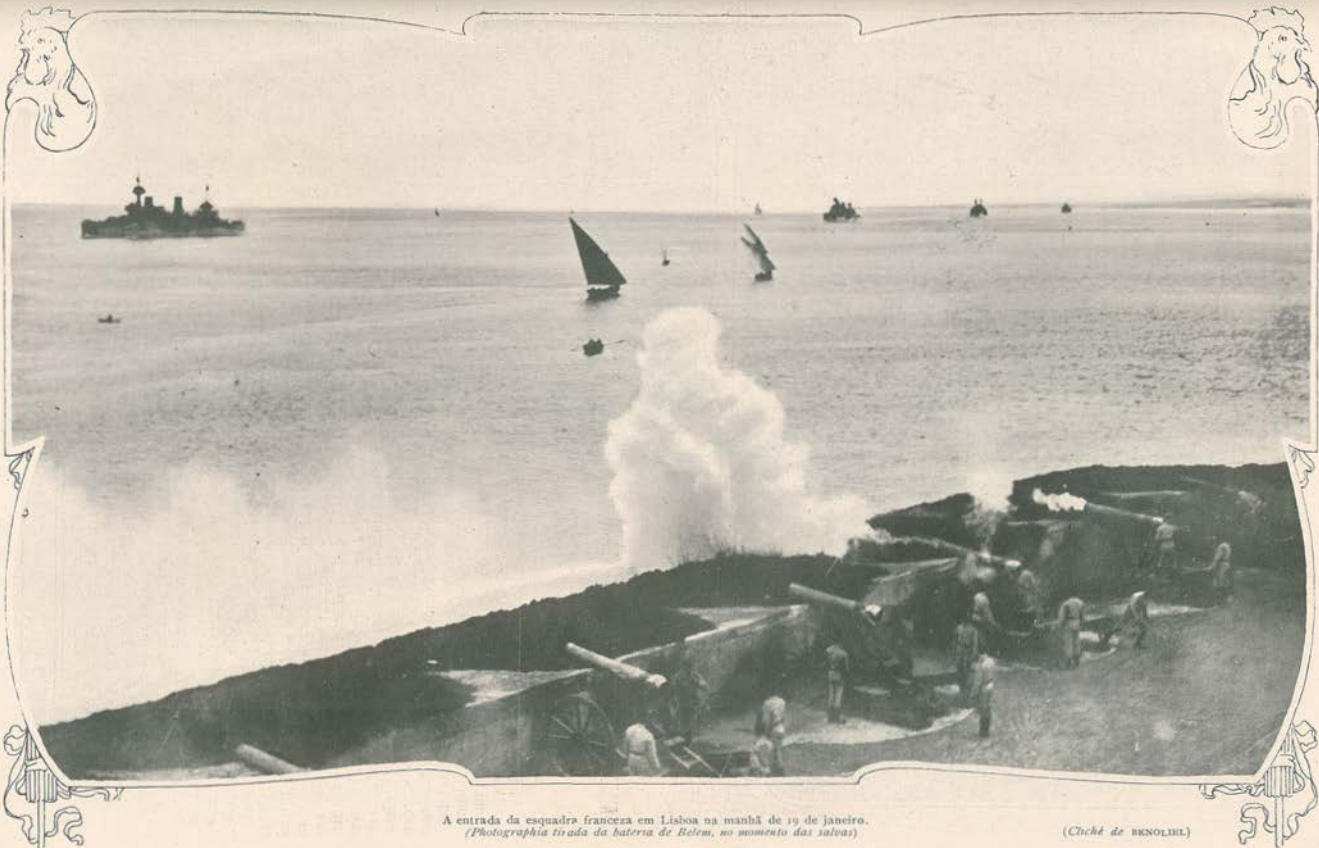
1—Um cometa que ameaça destruir a terra:
A nossa photographia, tirada no observatorio de Paris, representa o astrónomo Baillaud, seu director, examinando o cometa de Halley.

(Cliché WORLD'S GRAPHIC PRESS)



2—Um episodio da recente lucta eleitoral inglesa:
Delegados dos candidatos liberaes exhortando os operarios a votar, á hora de sahida das fabricas, n'um dos bairros industriaes de Londres.

(Cliché DEPIUS)



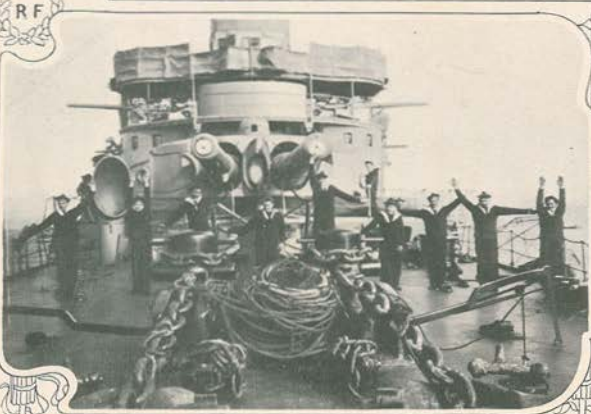
A entrada da esquadra franceza em Lisboa na manhã de 19 de janeiro.
(Photographia tirada da bateria de Belem, no momento das salvas)

(Cliché de BENOLIEL)

A DIVISÃO NAVAL DO ALMIRANTE AUBERT NO TEJO



1—O almirante Aubert desembarcando no Arsenal de Marinha para os cumprimentos officiaes.
2—Um dos couraçados da esquadra franceza entrando a barra.
3—Os commandantes dos couraçados francezes, com o almirante Aubert, vice-almirante Berryer e o ministro de França.



1—A esquadra franceza salvando ao chefe de Estado.
2—O couraçado almirante *Saint-Louis*.
3—O Rei a bordo do couraçado *Saint-Louis*. 4—Os signaleiros do *Saint-Louis* saudando El-Rei no castelo da proa do couraçado (*Cliché de RENOLIEL*).

A esquadra franceza do commando do vice-almirante Aubert entrou no Tejo em 10 de janeiro. E' composta pelos courados *Charlemagne*, *Saint-Louis*, *Gaulois*, *Bouvet*, *Carnot* e *Jauréguiberry*, tendo deixado em Lorient o resto dos seus navios, cinco torpedeiros, que não puderam fazer a viagem em virtude dos temporaes na costa de França. Os officiaes da esquadra visitaram o chefe de Estado, que lhes retribuiu a visita indo almoçar a bordo do navio almirante.

PARIS INUNDADO



1—O rio Sena em frente do Pont-Neuf, perto da estação do Caes d'Orsay.
2—Os caes do Sena debaixo d'água.
(Giclés DELIUS)

As grandes chuvas do meado do mez de janeiro provocaram uma repentina cheia do Sena, que em Paris subiu quasi oito me-

tros acima do nivel normal, submergindo os caes e ocasionando immensos prejuizos.

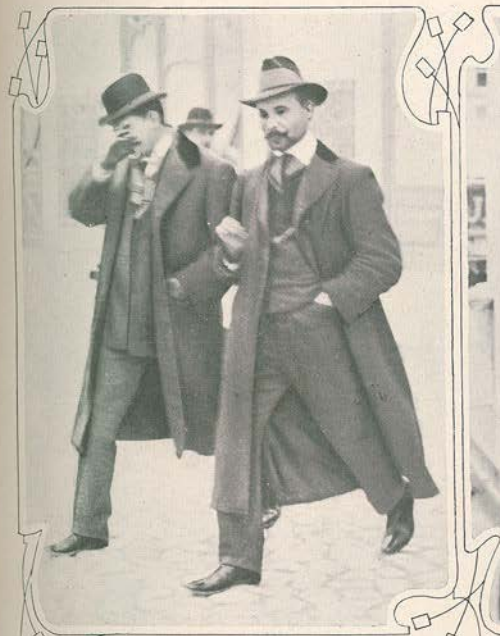
OS IMPLICADOS NO CRIME DE CASCAES.



A morte de Manuel Nunes Pedro, que ficará nos annaes judiciaes com o titulo de Crime de Cascaes, esteve durante algum tempo envolta n'um grande mysterio, até que foi preso, em Villar Formoso, Domingos Guimarães, accusado de ter sido o assassino. O crime está ligado ao desaparecimento de quatro mil cartuchos armazenados ha meses no barracão da alfandega, de que o Nunes Pedro era empregado, e de onde os subtrahiu com a cumplicidade do ex-sargento Furtado, indo vendel-os a varios individuos e entre elles a Domingos Guimarães, no que foram auxiliados por Adelino Fernandes. Nunes Pedro, ao vêr descoberto o roubo, fugiu para Badajoz, e d'alli enviava, com ameaças de denuncia, pedidos frequentes de dinheiro, que levou o Guimarães a ir buscá-lo, dizendo ter-lhe arranjado um emprego na Africa, para onde devia embarcar de noite, em Cascaes, visto assim mais facilmente poder escapar-se das auctoridades. Durante uns dias esteve escondido n'um armazem do Poço do Bispo e, na noite de 19 d'outubro ultimo, conduziu-o o Guimarães



1—Domingos Guimarães. 2—O negociante Pereira de Sousa
3—O vidraceiro Agapito Vieira da Silva.



2—O calxeiro Manuel Martins
Pereira Ribeiro.



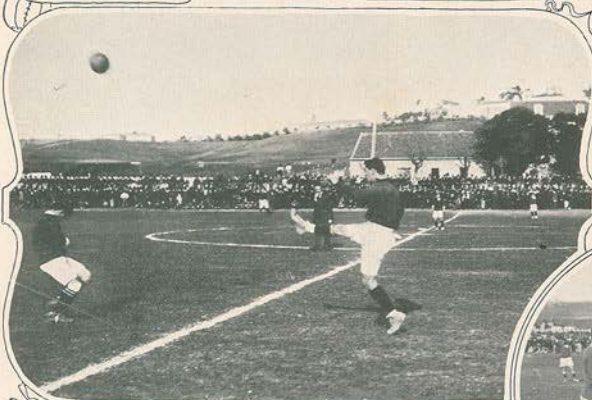
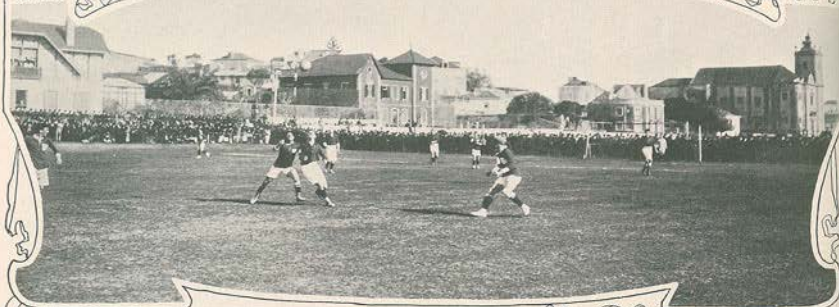
1—O professor Camello Neves. 3—O alfaiate Eduardo Amores.
(Clichés de BESOLIER.)

para aquella villa. Eram acompanhados pelo alfaiate Eduardo Amores e pelo vidraceiro Agapito Vieira da Silva, que dizem ter ficado na cidadella, enquanto os dois, com o calxeiro Manuel Martins Pereira Ribeiro, que os aguardára na estação, seguiam para a Bocca do Inferno, onde no dia seguinte appareceu o cadaver. Segundo o relatório do director da Morgue, a morte produziu-se em consequencia da queda d'uma altura de vinte metros sobre as fragas.

As diligencias do Juizo de Instrução Criminal dão do succedido a seguinte versão: Domingos Guimarães, acompanhado pelo calxeiro Pereira Ribeiro, atrahira a victima para junto da Bocca do Inferno, e, uma vez ali, descarregara-lhe uma forte bengalada na cabeça. O corpo baqueou, e o sangue, escorrendo, manchou as calças do assassino, que, auxiliado pelo seu companheiro, arremessou o Nunes Pedro do alto do rochedo. Fugiram depois em direcção a Lisboa, fazendo o trajecto a pé, e no dia seguinte Domingos Guimarães deliberou sahír de Portugal, sendo preso na fronteira por um agente da policia de emigração. Accusados de cumplicidade n'este crime sensacional, foram presos, além do alfaiate Amores, do vidraceiro Agapito Vieira da Silva e de Pereira Ribeiro, o commerciante Francisco Pereira de Sousa e o professor João Manuel Camello Neves.

O GRANDE MATCH DE FOOT-BALL

— DO DIA 23 —



to, ouvindo-se muitos applausos durante as suas interessantes phases. O *match* foi dividido em duas partes de 45 minutos cada uma, obtendo por fim os portugueses a victoria por um *goal* marcado após um *free-kick* orientado pelo sr. Arthur José Pereira.



Realisou-se no dia 23 de janeiro, no campo de Bemfica, o desafio de *foot-ball* entre os jogadores inglezes do Carcavellos Club e o Sport Lisboa, composto por jogadores portugueses. Mais de oito mil pessoas assistiram ao torneio de que foi arbitro o sr. Eduardo Pinto Bas-

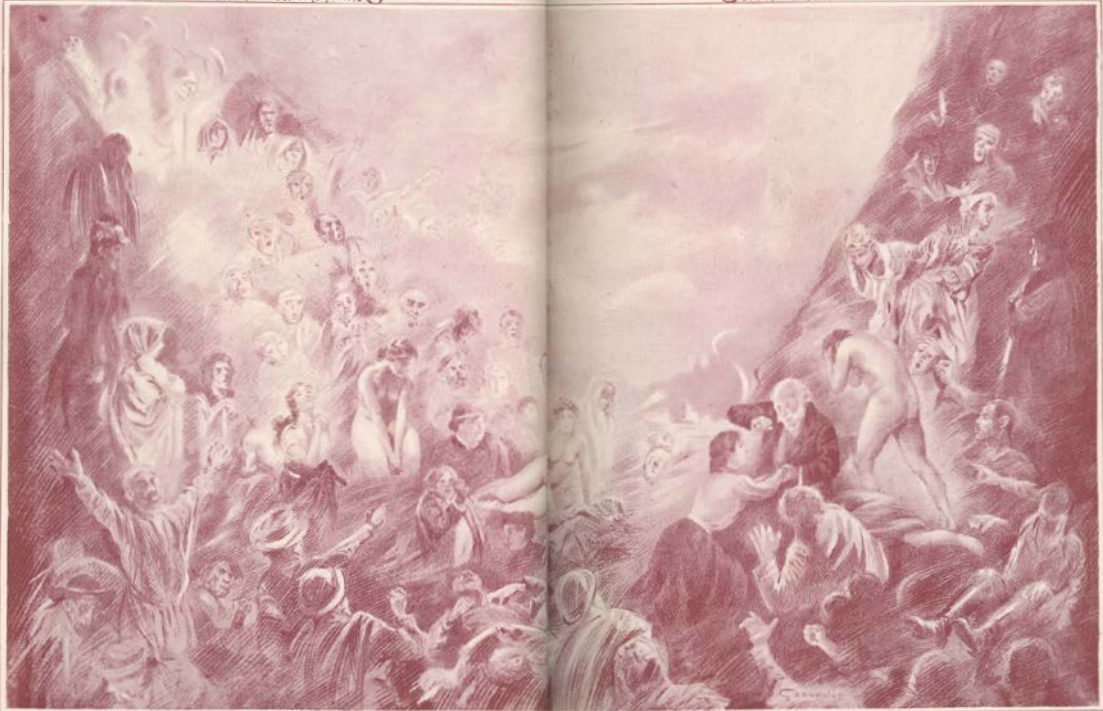


- 1—Ataque e defesa do *goal* de Carcavellos pelos srs. Germano, Lees, A. J. Pereira e Costa.
2—Pontapé d'un *half-back* de Carcavellos. 3—Interrupção da partida em virtude d'un jogador ter ficado contuso.
4—O jogo carregado sobre o Carcavellos-Club.



1—Defeza pelo jogador sr. Henriques, do Sport Lisboa-Bemfica. 2—Os jogadores portugueses do Sport Lisboa Bemfica: Sentados, os srs. Virgílio, Meyrelles, Vieira, Josué, Germano. De pé, os srs. Pereira, Mocho, Henriques, Machado, Cosme Damilho e Costa. 3—Os jogadores ingleses do Carcavellos Club: Sentados, os srs. L. Cew, Freddie, Harvey, Harro, Lowe. De pé, os srs. Mellis, Perkuis, Perle, Large, Willey, Durrant.—(Clichés BENOLIEL)

~ O ~ A F Y S M O ~



«...мысли о том, что мы не можем
...» (1997, с. 100).

Copyright © 2004 John Wiley & Sons, Ltd.

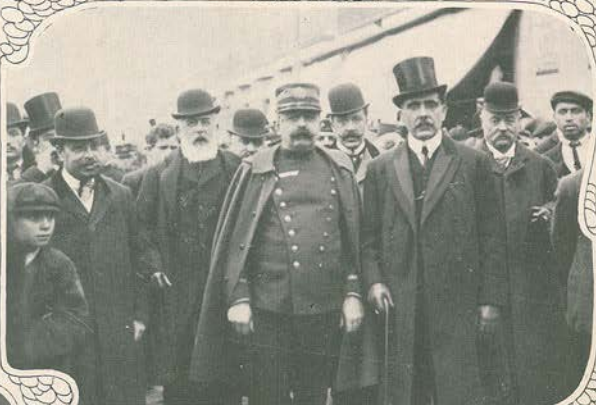
que ilustra expõe as aulas da «Ilustração Pedagógica» (C) e também série de trabalhos de desenhos a lápis.



O bando precatório dos bombeiros municipais que percorreu as ruas da Baixa em 22 de janeiro, a fim de arranjar donativos para as victimas das ultimas inundações que assolaram o paiz, obteve importantes donativos em dinheiro, roupas e generos alimenticios. Além do commandante da corporação e d'alguns officiaes, acompanharam o bando os srs. Anselmo Braamcamp, vice-presidente da vereação municipal, e o secretario da Camara, sr. Pedroso de Lima.

A «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» APRESENTA AO PUBLICO UM NOVO ARTISTA

Quando, vae em tres annos, esta revista inaugurou a sua sala de exposições e de festas, revelando a Lisboa o artista portuense José Rosas, cuja obra de ourivesaria artistica tanto successo obteve, insistimos em annunciar que a nossa iniciativa tinha sobretudo por fim facilitar aos artistas ainda obscuros a exposição da sua obra, facultando-lhes os meios de entrarem no



1—Bando precatório dos bombeiros municipais que percorreu as ruas em 22 de janeiro pedindo donativos para as victimas das ultimas inundações. 2—Outro aspecto do bando precatório.

3—Sr. João de Saavedra, cuja exposição de desenhos e pintura se inaugura amanhã no salão da Illustração Portuguesa

convívio da publicidade, tão indispensavel ao estímulo dos que trabalham nas artes. E' na execução d'esse programma que a *Illustração Portuguesa* abre amanhã a sua sala de festas ao publico para lhe apresentar a obra de um artista quasi inedito, e que pela sua poderosa originalidade merece uma attenção carinhosa de quantos se interessam pelo movimento artistico nacional.

João de Saavedra, assim se chama o moço artista, não é ainda certamente o artista completo, dispondo com mestria de todos os recursos da sua technica. Por vezes a sua excessiva preocupação do exotismo, do impressionismo e do symbolismo é atraçoada por processos de realisação ainda indecisos. Mas mesmo quando a mão o atraíção, o seu espirito brilha, com esse fulgôr do talento, que nunca engana.



A MORTE

A sinceridade verdadeira chega quasi sempre no ultimo instante. A morte revela o homem quando o seu conhecimento já não aproveita. Na hora da passagem a verdade brilha. Por isso, Nero, despótico, fero, blasonador, cobre a cabeça na agonia. No fundo era um cobarde. Por isso, Vatel, o cozinheiro do grande Condé, vendo que faltava o peixe n'esse solemne jantar de Chantilly, se trespassou com a espada. Este homem, que sempre manejou o espeto, tinha um coração nobre de cavalleiro.

O avaro, prestes a morrer, só pensa no seu oiro, e o vingativo no seu odio. Aquillo que foi uma preocupação começa a ser uma saudade, quando a vista se tolda, o coração vae parar, o corpo arrefecer. E' como se estivesse já longe do que mais se amou. Napoleão explica-se melhor no seu derradeiro momento que em toda a sua glo-



1—O Cavalleiro, a Morte e o Diabo, de Durer. 2—O Primeiro Crime, A Morte de Abel.



1—A morte de Christo, quadro de Van den Brack.
Gravura de Jacopo Qelvin.
2—A morte de Sócrates, quadro de David,
gravura de Massard



riosa vida. As suas ultimas palavras no descampado de Santa Helena, quando o vento zunia n'uma d'aquellas extranhas tempestades de maio que assaltam a ilha, são definidoras. Dias antes é ainda vaidoso e de uma ironia amarga: «Vou juntar-me a Kleber, Dessaix, Lannes, Massena, Bessiers, Duroc, Ney, falaremos d'aquillo que fizemos e do nosso mister com Frederico, Turenne, Cesar e Annibal. A não ser que lá em cima, como cá em baixo, se tenha medo de vêr tantos militares juntos.» Depois chega a ancia final e o corpo diz: «Meu filho... o exercito... Dessaix...» Era um bello pae, um grande chefe, um homem justo, como o general cujo nome pronunciou.

Assim tem sido sempre a morte.

As convenções, as regras, os sonhos ambiciosos, o amor exaggerado dos gosos, tudo isso que torna a vida a mentira flagrante, que gera as maldades, as perversões, os crimes, desaparece e o homem surge bem natural, como se a mortallia de que se aproxima o puzesse em relevo. Foi sempre assim, no passado como no presente, desde Abel assassinado por seu irmão cioso, estendido no campo, á luz do dia, morrendo como um bom, até ao ultimo criminoso subindo á guilhotina, diante do publico, n'uma manhã que vem alvorecendo. O que constitue a nota dominante do ser parece engrandecer-se n'aquella hora, como n'uma treva espessa o diamante mais scintilla.

O estoicismo de Catão da Utica, que muitos consideravam affectado, que tinham como uma vaidade





dos seus poucos fiéis con-
tristados.

A serenidade de Sócrates, bebendo a cicuta, e que ficou como um symbolo, mostra que não era fingida a sua philosophia, que penetrára bem no amago da sociedade, mas sobretudo impõe o seu sincero convencimento de que todos os governos são falsos. Revoltado contra os trinta tyrannos, revolta-se também contra o governo popular, dizendo que não comprehendia como uma fava podia decidir da chefia d'um Estado, fazendo ganhar uma eleição, quando não servia para dar o commando d'um navio. Foi esta opinião que o matou, mas com a sua taça de veneno nos labios o philosopho sorria, sentindo bem a verdade do que affirmára.

Onde uma grande convicção se mostra bem poderosamente, á hora da morte, é no fim de Christo. Pensa que tudo quanto disse, que esse ceu, sua preocupação, existe para o recolher, e então, n'aquelle monte escaldado, entre duas agonias de miseraveis, elle o apostolo não se estorce, não tem um gemido, morre serenamente d'olhos no ceu, sentindo que o seu reino não era d'este mundo. Luiz XVI, que sempre se vira tremer nos momentos difficeis, o supremo irresoluto, soube morrer dignamente, conservando assim a magestade que deixára insulstar durante muito tempo. Jamais uma condemnação foi tão simples como a de Steyès a seu respeito: A' morte! disse o convencional. Pois a essa simplicidade da ordem o rei bem correspondeu na sua maneira grave diante do carrasco, ao ruido dos tambores do general Santerre.

Essas lindas suicidas por amor, que vestem os seus mais bellos trajos, que lançam ainda para o espelho um olhar antes de se anniquilarem, demonstram que a luz de toda a sua vida era aquelle amor por que vão morrer e no receio de que o homem querido ainda as possa vêr demo-

1—A morte
de S. Francisco
Xavier,
quadro de Maratti,
gravura de Fray
2 A morte de Germanico,
quadro de Poussin,
gravura de Chateau.



do neto do Censor, afirma-se ao vêr-se abandonado pelos seus, batido, irremediavelmente. A sua mão firme agarra na espada, colloca a ponta acerada sobre o coração e vai lendo algumas paginas de Platóo sem um estremeimento, sem um pesar, á medida que o ferro entra na carne deante

am-se no toucador a aformosearem-se como para uma entrevista. São estas as grandes amorosas bem diferentes de Cleopatra, que era antes de tudo ambiciosa. A sua belleza extranha, o seu olhar dominador, a sua voz acariciadora, tudo a rainha do Egypto puzera ao serviço da sua ambição de mando, como outras fazem da sua formosura o real presente para ligarem um coração. Ella queria um imperio vasto, as outras querem apenas um pequenino órgão que só por sua causa palpite. Deixou-se amar por Cesar; depois por Antonio. Collocou no amor d'este o fim da sua ambição e quando as hostes d'Octavio annihilaram o heroe em Actium e com elle o dominador orgulho de Cleopatra, a soberana deitou-se para morrer e como todos os outros se revelou ao mundo na hora derradeira dando ainda o seu seio lindo, onde os grandes capitães tinham reclinado a cabeça, a um ultimo beijo: o da aspide que a matou.

Bem diferente era Arria, outra suicida, a mulher de Poetus, o romano conspirador que Claudio ia immolar. Então ella, tomando a espada, olhando bem o esposo, querendo salvá-lo do villipndio, desejando ainda a sua honra immaculada, cravou-a no seu seio côr da neve e das rosas e, voltando para elle o seu olhar turbado pela agonia, murmurou:

—*Poetus, non dolet!* E não lhe doía, porque tinha uma alma de heroína essa mulhersinha de carnes delicadas em que ninguém tinha des-



1—A morte de Cleopatra, quadro de Challe, gravura de Michel.
2—A morte de Cádiz, gravura de Testa.





coberto sombria de audacia. E' que a morte revela, mostra as verdadeiras qualidades. Depois, não ha mais nada?! Christo falou do ceu, d'outra existencia, d'outros gosos, mas Hamlet disse que era apenas um eterno silencio. São duas opiniões apenas. A primeira é como a segunda

uma esperança. Para os que desejam os consolos é melhor o sonho de Christo; para os que esperam enfim socegar, ao cabo d'uma longa jornada, onde, só no fim, surge a verdade, mais vale o preceito do principe da Dinamarca: «O resto... é um eterno silencio!»



1—A morte do general Wolff, quadro de West, gravura de Th. Falckoyssen.
2—A morte de lord Chatham, quadro de
(Gravuras do Gabinete das Estampas da Academia de Bellas Artes)—(Clithés de BENOILH)

A MORTE DO DR. AVELINO CALIXTO



Dr. Avelino Calixto

transigencia com os auctores modernos.

O dr. Avelino Calixto, que falleceu em 18 de janeiro, foi um orador eloquentissimo e um original caracter. Algumas gerações coimbrãs viram-no na sua cathedra de lente de sociologia sem fazer a menor

Desejára ser official, sonhára com os uniformes vistosos e usou o capello archaico. Ficou, todavia, com o espirito militar, apesar de não seguir a carreira por imposições de familia. Nos dias tumultuosos de Coimbra, como por occasião da ultima greve academica, tinha uma espada ao alcance da mão, mas, passado o incidente, quando se falava em condemnar os sete estudantes, apontados como cabeças de motim, ergueu eloquentemente a voz em sua defeza. Por casa fardava-se e, conforme as patentes que os seus antigos condiscipulos iam obtendo no exercito, assim elle se promovia.

Fôra d'estes actos inoffensivos de excêntrico, o illustre lente da Universidade sempre se mostrou um homem de real valor, tendo a palavra facil e a replica prompta, como demonstrou na *Questão da Sebenta*, em que foi um dos mais terribes adversarios de Camillo Castello Branco.



Aspectos do funeral do sr. dr. Avelino Calixto.
(Cliché do sr. ALMEIDA DIAS, Coimbra)

AS LAVRAS

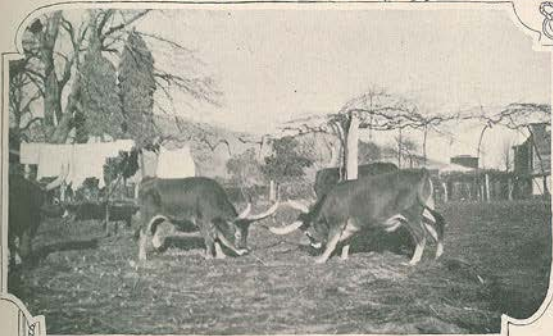
Villar do Monte, janeiro de 1905

P...

Como tivesse reparado para um livro que te acompanhava na manhã de setembro em que nos apartámos na Povoia de Varzim, no qual eu li «Ruskim» enquanto o diabo esfrega um olho, ficou-me desde então o habito de pensar que te dedicavas ás fortes obras da natureza, que como eu amavas a Te ra e a Arte, e, enfim, que te não seria penosa uma semana vegetariana entre nevões e gente rude.

Depois o ar frio e secco do monte deve fazer-te bem, visto que de continuo te queixas a tua prima e noiva das dôres de peito, do rheumatico. Ora estes logares são, mais que tudo, saudáveis, optimos; e creio que a tua corcunda e as tuas côres desbotadas hão de desaparecer com o sorriso ingenuo d'estes logares satisfeitos de sol.

Vem, J... e tu verás que grande vida é a do teu amigo.



1—A' rabiça. 2—Briga de bois
3—Gratando a terra lavrada

Só isto, além do campo. Porque o campo, sim; o campo dá-me sérios cuidados. Agora trago eu os cavadores afadigados na lavoura. Nem tu sabes o que ahí vae de alegria. E' cada grito, cada brado para a boiada, que chego a conhecer a voz do *prégador* a um kilometro de distancia.

Santa fortuna!

Ordena isto o meu *Borda d'Agua*, que de janeiro resa: «semeia moutarda em terras cali-

Afinço-te que desde a tarde em que na Povoia perdi seis libras ao 36, e tive de correr o fado para conseguir dinheiro para a viagem, muitas horas tem corrido por estes sitios como as de Horacio no passal que lhe ofertára Mecenas. Mando pôr cal nos limoeiros apertados do bixo; como a marmelada cõr de vinho á minha tia Delphina; prego ás andorinhas como S. Francisco d'Assis; e á tarde, antes que o sol feche os olhos por detraz do monte, cavalgo pela estrada de Ponte, sem repouso, d' balandrau ao vento, até ao boticario de Santa Comba, para uma partida de bisca com o padre Gonçalves.



das, centeio, ervilhas, batatas, alhos, castanhas, nózes, alzes, alface, salsa e morangos; planta arvores e hortaliças; dispõe morangos, e deita gallinhas.» E eu considero-me (e sou, realmente) mais fiel ao reportorio que aos jejuns da Bula da Cruzada.

Falto aos jejuns da Bula, é claro, por causa das gallinhas do reportorio.

Pois lavra-se extraordinariamente por estes sitios. Hontem tive tres arados no campo; e com elles mourejou, em todo o santo dia, o meu forte rebanho camponio. Tu sabes como se lavra, J...? E' o velho arado semita, com o seu dente polido e agudo que rasga a terra, tal qual como um bisturi abre de baixo acima um grande ventre cheio. Tem azas

ouro. E os sarmentos das vides, ruivos como perucas de tritão, chamam com pressa a tesoura podão dos meus caseiros alegres.

A terra, ao comprido dos campos, abre o ventre negro e humido. Não tardará que a mão prodiga do sementeiro, n'um gesto sobre todos bemdito, espalhe o greiro doirado do pão, amplamente, n'uma attitude inspirada. Não tardará que a grade revolva a terra escura, que encubra o germen d'uma colheita posta á mercê do destino. encoberto, voltando ao seio que o gerára, renascendo para se multiplicar, é pelo nevão matutino (crêspo sobre as terras em lavor) que o greiro d'ouro, o pão da eucharistia e da mesa dos pobres, resolutos, se anima, se fortalece e sobe á face da terra nos rebentos verdes de março.



O lavrador prendendo o arado á camboada

d'aço, como os dirigiveis teem azas de panno crú, este monstro pezado. Azas que apartam a terra sulcada de se intermetter na vida activa da aguilha, e d'uma posição tão curiosa que parecem postas sob a lançapa para tomarem vento, para arárem o espaço.

Os bois que aqui empregamos n'esse genero de trabalho agricola são duas juntas robustas, as de mais folego, as de melhores ancas. A' *rabiça* um camponio guia o instrumento, talhando os sulcos n'um desenho de canela em prato de aletria. Vae a boteira bonita á sogá da primeira junta.

Bradam os camponios que espicaçam as ilhargas dos animaes. O sol joeira

A minha tia Delphina, prêga que é dos effeitos das luas.

«Em abril—diz o Borda d'Agua—sacharás.»

E que lindas as sachas, quando os campos, quasi só á flor da terra, se pintam novamente de verde! Os sulcos que a *foicinha* e a enchada do lavrador abrem entre os milhos novos e ingenuos, n'uma tatuagem symetrica pelo grande corpo da terra, como filhos do entendimento e costume humanos, são semelhantes aos caminhos de esperança que abrimos na vida, e por onde tentamos que passe a fortuna, o amor, a gloria. Por esses rêgos direitos e lon-

gos vão correr e cantar as aguas azues das minas, soffregas, ha tanto desnevasdas e inquietas nos tanques assombreados dos pomares. Ha de o sol tirar reflexos inimitaveis d'essa serpente coleante, feita de azues puros e liquidos. Toda a terra — como mãe que se alimenta para poder crear — ha de bebel-a, recebel-a toda em proveito do fructo do seu ventre.

Em maio semeamos os melões, as melancias, o feijão em terra humida, os cravos, a alpista dos canários e os martyrios do oratorio, apanhamos os linhos maduros; capamos os pepinos, as vinhas, e limpamol-as do pulgão; transplantamos os mangericos, os valverdes, os pagaios, e atestamos o batoque aos cascos da adega de reserva.

didos no oiro abundante do cannavial maduro, e como os bofes de linho da camisa farta da campo-neza, espumando brancura d'entre a cruz do melo lenço de «rio Mouro», são interessantes e desejaveis? Conheces tudo isso?... Não conheces, pobre de Christo; nunca approximaste os teus olhos enfastiados d'estas obras ingenuamente polychromas, como que copiadas das nuvens, do sol e da verdura; nem sabes, tão pouco, o que é uma desfolhada entre as medas d'uma eira, com ferrinhos e clarinete, com abraços d'um *José das Dornas* de cada aldeia, quando o *cruzeiro* no azul alvamento da noite fulge prata á maravilha!...

Pobresinho, tu não comerás do greiro da nossa tuiha, da farinha do nosso milho, da bo-rão da nossa terra. O teu pão tem cal; é



Picando os bois

Vida mais tranquilla não ha!

Mas maio passa; passa o mez de junho, o mez em que, pelo S. João, tosquemos os cabritos de aprisco; e julho irrompe, prodigo para as colheitas das novidades, festivo nos celeiros que se abrem ao sol, nas tuihas que se arejam, na monda farta pelo sol abafado do meio dia.

O meu amigo, tu já viste ceifar em terras do Minho? Sabes que espectáculo é o de um ceu anilado, brunido de luz, e como as canas do milho estalam nas mãos duras dos camponios? Sabes como alegria

vêr entre os milha-raes o escarlate dos costados do collete camponio, meios per-

aloirado a vapôr. Ora desde o simples e aspero pão de cavadores, até á semente de mistura, passada a peneira de seda pela minha tia Delphina, este pão que nós comemos alimenta, é garantido, não envenena como as farinhas queimadas de Lisboa. O seu proveito será grande, porque á portada do forno de cosedura ha uma cruz traçada contra o mau olhar dos estranhos. Quatro greiros de sal na massa milhõa dão um sabor regional a este pão generoso. E nos dias em que as sardinhas «de cabeça» são a cinco pela aldeia, n'um naco de pão de milho, chamuscadas da carqueja, não ha nada assim para dois golos d'agua-pé.

Pois é para isso que se lavram agora as terras; é para essa fartura.

De boa semente, bom fructo—diz o dictado. E accrescenta, como com ironia para com vocês todos: *no tempo em que se come não se envelhece*. Ora vocês preocupam-se com a cozinha franceza, e envelhecem de a aborrecer.

Aqui, sim. Aqui come-se e luta-se. O *ser dia* é ás cinco horas da manhã, quando as terras ainda fumegam do nevão. Pelos galhos gretados das cerejeiras, por essa hora, piam e correm os par-



ga dos bois. Levantam o dente d'aço do sulco profundo em que se ferrára. E quando o sol abre em arco sobre o monte fronteiro, a lança róta da direcção da rabíça, e a primeira cantiga se desenvolve, é d'esta janelli-nha quadrada onde te escrevo que volto para toda a terra aráda o meu sermão novo:

«Mãe-Terra, aqui mais bella que em parte alguma, mais barbara, mais ardente mais forte—nós te cobriremos de suor.

«Mãe-Terra, que dás veludo ás flores, azul



dejos bravos. No azul fresco que se encosta á espinha pesada e dobrada das montanhas como do jejum matutino, ha visíveis desfalecimentos, vertigens d'uma debilidade feminina.

No azul desneado do céu não ha uma nuvem de frio. E' uma só cor de esmalte, serena. Passam as juntas para as lavras. Um asobio gaiato corta a lucida tranquillidade da hora. Os galos volteiam furtivamente o seu motivo ironico. Prendem, no campo, a lança do arado á só-

ás aguas, aroma aos fructos, oiro ao pão creado—imaginativa eterna e sempre inedita—nós te cobriremos de suor.

«Mãe-Terra, synthese da vida ideal que não sabemos correr—lutando continuamente, exigindo continuamente, ofertando com espontaneidade—nós te cobriremos de suor.

«O pão d'este dia seja o pão dos seculos.

«Amen.»

ALFREDO GUIMARÃES.



1—Lavrando. 2—A malga de vinho do meio-dia.
3—O despegar do trabalho.
(Clichés do sr. JOSÉ MARINHO)

UMA COMPANHIA LYRICA INFANTIL

Fratelli Billaud, italianos, de Roma, apresentam-nos uma obra bella e uma obra humanitaria, isto é, uma obra de justiça e de sentimento.

Bello é tudo o que é justo e tudo o que vem directamente do coração e da alma. A musica consegue apagar os animaes mais rebeldes, acalmar impetos fogosos de paixão, até domesticar animaes ferozes. Pois foi com a musica que os cav. Billaud se lembraram de arrancar á miseria inevitavel e, se não a uma extrema indigencia, a uma existencia miseravel de privações, pelos *ateliers* e officinas, por trabalhos asperos e aggressivos, a tantas crianças que hoje levam uma vida despreocupada e feliz, vida carinhosa e affectuosa, como uma grande irmandade homogenea, palpitando da mesma fôrma, da mesma fôrma pensando e trabalhando.

— Uma união perfeitissima entre todos, meninos e meninas, quer nos ensaios, quer nas brincadeiras, diz-me o sr. Guido Billaud, director administrativo da companhia.

Vejo-os, a esta hora da tarde, em correrias doidas por dentro do vasto theatro, chalrando na sua lingua harmoniosa e doce: — são, em verdade,



1—Uma *Sommarchula* de 14 annos; a soprano Lucia Castaldi. 2—Uma scena da *Cavalleria Rusticana*. 3, 4 e 5—A prima dona Dora Theor na *Primavera Alegre*, na *Lucia* e na *Traviata*

creanças perfeitas; mas esse ar infantil perdem-o nas noites de representação quando tem de apparecer diante do publico, que é o severo e o supremo juiz. Então assumem proporções de grandeza extraordinaria, erguem-se a toda a altura da sua plenitude de artistas consummados, artistas feitos; — e a gente só dá pela sua tenra idade na emissão das notas, que tem uma frescura e uma crystallinidade de veio d'agua cantando por entre rochas.

— Exlorço extraordinario foi esse de conseguir esta harmonia, este conjunto e esta perfeição!

Guido Billaud esboça um movimento de modestia.

Mas é verdadeiramente unico este caso. O ministro de instrucção de Italia assignou um documento em que felicita calorosamente o cav. Billaud pela sua louvavel iniciativa em favor da infancia pobre.

— Todos filhos de familias miseraveis?

— Não. Todos não. Dora Theor e Vittorio Gam-

ba são de gente burgueza e remediada. Vittorio é filho d'um capitão. E já a gentil Lucia Castaldi, a Mimosa exquisita da *Geisha*, é filha de uma engommadeira.

Dora Theor, loura, de um louro fulvo e acceso, que está ao meu lado, curiosa, investigadora, e morta por dizer alguma coisa, consegue, enfim, entrar na nossa palestra:

— Sim, meu

caro senhor, toda a minha familia é composta de artistas. Tenho dois irmãos e duas irmãs que são tambem cantores.

— E sentem-se felizes, n'este meio, n'esta companhia?

— Contentissimos, a mais não poder ser. Quer ouvir? Camaraca, o meu camarada

barytono, recebeu um dia d'estes uma carta de um irmão dizendo-lhe que fôsse passar uma temporada a casa. E quer saber? Camaraca pôz-se a chorar porque lhe custa muito a deixar-nos.

E Dora Theor, com muita volubildade na sua voz, tão rythmica e cadenciada, accrescenta:

— Quando nos sentimos fatigados podemos ir a nossa casa por algum tempo. Os nossos directores não nos impedem. E no verão vamos sempre tomar banhos de mar.

— Ha uma disciplina muito rigorosa para se poder chegar a um resultado tão perfeito?

— Não. A disciplina exerce-se sem se dar por isso, porque cada um comprehende os seus deveres e os seus direitos. Os meninos estão separados das meninas, em tudo, mesmo ás comidas.

Diz-me ainda o sr. Guido Billaud a uma pergunta minha, que este trabalho não destrôe as faculdades das crianças. Pini Corri, De Angeli, Marconi, e outros cantores eminentes hoje, fizeram parte de companhias infantis.

— São de Roma? Tem um theatro em Roma, não é verdade?

— Sim, te-



mos. O trabalho das crianças é muito apreciado. Sempre que cantamos a *Cavalleria Rusticana*, Mascagni vai ouvir os pequenos. Mascagni é muito amigo de todos, quer-lhes muito. Muitas vezes leva-os no seu automóvel, e enche-os de doces e bombons. O filho de Mascagni é um companheiro inseparável de Vittorio Gamba, quando estamos em Roma; e não deixam de escrever-se a miúdo.

Ouçam um facto, que demonstra bem a amizade que tem por nós todos o grande Mascagni. Quando as senhoras de Roma organisaram uma representação extraordinaria, foi de Paris um cantor celebre para cantar a *Cavalleria*. Pois Mascagni declarou que antes queria ouvir a sua opera cantada pelos pequenos.

A Companhia Infantil Italiana é, como dissemos, recrutada entre gente humilde; e todos os annos os irmãos Billaud fazem novas aquisições de artistas, vendo-se sempre embaraçados, porque os pedidos são ás centenas.

Os pequenos não precisam de ponto, o que é uma nota característica do seu valor e da maneira como sabem as operas que cantam.

A maravilhosa companhia minúscula conta artistas de primeira ordem, entre os quaes eu especialisarei a prima dona Dora Theor, de um encanto de figurinha de Watteau; a viva e azougada Maria Ceccarelli, um demonico de carne, de olhos atrevidos, prescrutadora, toda nervos; a tranquilla e melancolica Lucia Casteldi, filha de uma engommadeira, é verdade, mas verdadeira filha da Arte, tambem com a sua voz de um doce encanto, suave como um hymno de amor; Vittorio Gamba, o arrojado tenor que Caruso, o querido, pode-

ria perflhar sem desdouro e com amor; Luigi Pannatta, Brunaeri e tantos outros microscopicos artistas, cheios de coração e de vida, ansiosa por um ideal de perfeição que, como muitas vezes, attingem á maravilha.

Todos elles sahiram do corpo de còros; e aquelles que vão aprendendo com valentia



O tenor Vittorio Gamba na Lucia



1—A companhia lyrica liliputiana «Billaud»

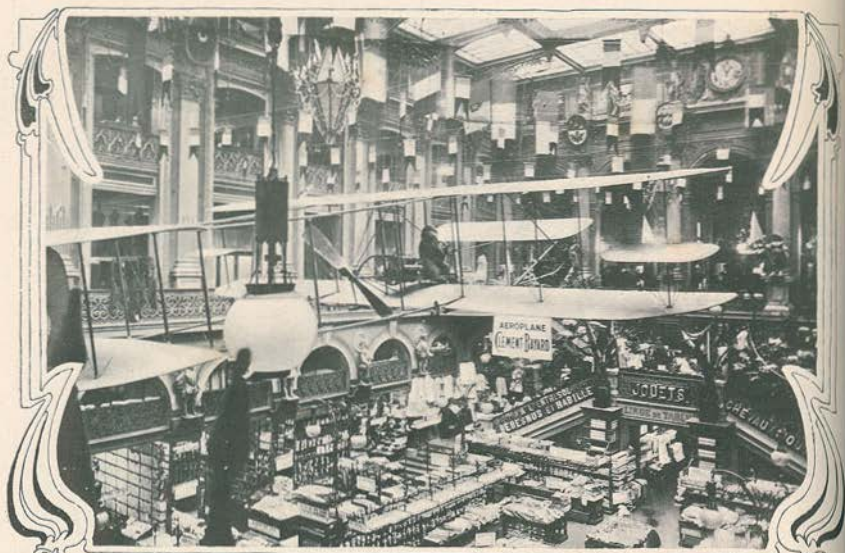
2—Dora Theor na «Juliette Diamante» da Geisha

e dedicação, e que demonstram singular aptidão nos seus diferentes generos são elevados á cathegoria de primeiros artistas, ou artistas de primeira grandeza.

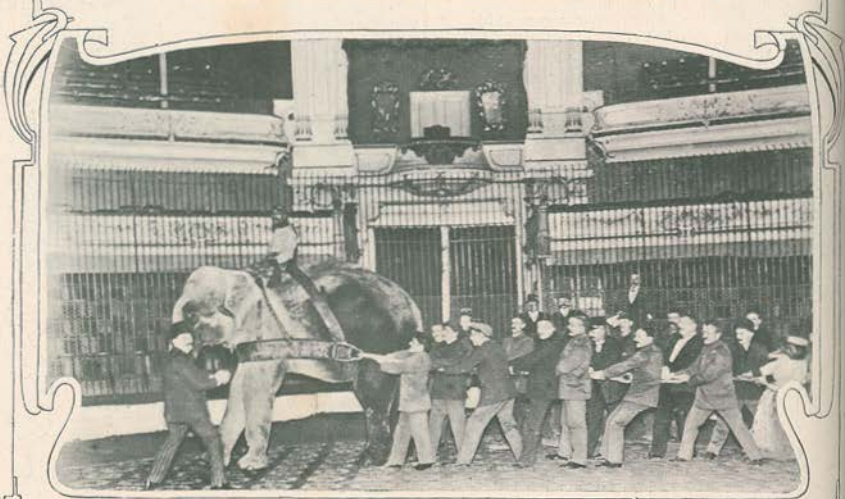
E' esta a norma seguida pelos irmãos Billaud que tem conseguido, assim, formar um nucleo precioso que se pôde apresentar em toda a parte, mesmo deante de publicos mais exigentes.

J. S.

LÁ POR FÓRA



O aeroplano vulgarizado como artigo de commercio
A nossa photographia representa uma das grandes salas de venda dos armazens do Louvre, onde se vê exposta a venda, como um já vulgar artigo de commercio, um aeroplano Clement-Bayard.



Um concurso original no circo de Vienna d'Austria
Todas as noites, no circo Buschi, de Vienna, os espectadores assistem ao espectáculo pouco banal de um originalissimo desafio de forças entre um elephante e 25 homens, que não conseguiram ainda oppôr uma efficaz resistencia ao pachyderme.
(Clichés DELIUS)